

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

– quando as memórias narram a história da formação...

Guilherme do Val Toledo Prado

Rosaura Soligo

‘Estou a tentar explicar o que consiste escrever, ter um determinado estilo. É preciso que isso nos divirta. E para nos divertir torna-se necessário que a nossa narração ao leitor, através das significações puras e simples que lhe apresentamos, nos desvende os sentidos ocultos, que nos chegam através da nossa história, permitindo-nos jogar com eles, ou seja, servir-nos deles não para os apropriarmos, mas pelo contrário, para que o leitor os aproprie. O leitor é, assim, como que um analista, a quem o todo é destinado.’

Jean Paul Sartre

A História é feita com o tempo, com a experiência do homem, com suas histórias, com suas memórias.

Bem sabemos que a profissionalização do Magistério, pela qual tanto lutamos, não acontecerá de uma hora para outra, sem investimento na melhoria das condições de trabalho e da formação profissional dos educadores¹ e sem um processo de transformação da cultura predominante, de velhas idéias, de práticas cristalizadas.

Mas sabemos também que, diante do muito ainda a fazer, toda conquista tem seu valor e será sempre bem-vinda.

Para a nossa merecida alegria, cada vez mais, os profissionais da educação são reconhecidos como protagonistas das mudanças das quais depende a construção de um novo tempo para o Magistério. A perspectiva da formação de profissionais reflexivos, que vem se consolidando como uma tendência na comunidade educacional, ao mesmo tempo reflete esse reconhecimento social e contribui consolidá-lo.

É nesse contexto que a valorização da escrita dos educadores ganhou lugar. Afinal, se é necessária a reflexão sobre a prática profissional e se escrever favorece o pensamento reflexivo, a conclusão acaba por ser inevitável: a produção de textos escritos é uma ferramenta valiosa na formação de todos.

Entretanto, para além dos ganhos individuais que a escrita reflexiva favorece, há um aspecto político de igual ou maior relevância: a publicação dos textos produzidos pelos que fazem a educação deste país – narrando suas experiências, revelando suas idéias, refletindo sobre o que fazem – na verdade é uma conquista de toda a categoria profissional.

Quando os educadores tornam públicos os seus textos, todos ganhamos.

Até bem pouco tempo, os textos produzidos por professores, coordenadores pedagógicos, diretores e formadores geralmente eram resposta a exigências de natureza institucional e tinham uma publicação bastante restrita: circulavam nas próprias escolas de origem e em alguns ambientes acadêmicos – quando esse tipo de escrita é tomado como objeto de pesquisa, o que, muitas vezes, implica, inclusive, a omissão da autoria dos textos, sejam orais ou escritos.

Ou seja, na prática, a escrita dos educadores não era de fato valorizada como uma produção legítima, que veicula os saberes produzidos no exercício da profissão e que, por isso, merece ser publicada, divulgada, tomada como subsídio por outros profissionais.

Lentamente – muito lentamente ainda, mas de forma animadora – uma nova situação se anuncia. Por um lado, em alguns círculos acadêmicos, já se questiona a omissão da autoria das falas e dos textos escritos

¹ Neste artigo, utilizamos o termo ‘educadores’ como sinônimo de ‘profissionais da educação’.

pelos educadores em certos tipos de pesquisa. Por outro, o que se vê são secretarias de educação organizando publicações contendo textos da autoria de seus profissionais.

Tendo em conta o processo de desvalorização profissional que marcou a história da educação no Brasil, essas mudanças, ainda que paulatinas, indicam um tipo de processo inevitavelmente sem volta. Ainda bem.

O propósito deste artigo é reunir algumas contribuições que permitam compreender melhor o memorial de formação como um gênero textual privilegiado para que os educadores – enfrentando o desafio de assumir a palavra e tornar públicas as suas opiniões, as suas inquietações, as suas experiências e as suas memórias – escrevam sobre o processo de formação e a prática profissional.

Para chegar a uma caracterização, ainda que provisória, desse gênero, consideramos necessário percorrer uma trilha argumentativa, que passa primeiro pela discussão da importância das narrativas, depois das memórias e por fim do que vem a ser um memorial de formação.

A bem da verdade, é necessário afirmar de princípio que escrever um texto sobre a própria experiência não depende do conhecimento da maior parte das questões tratadas neste artigo. Basta apenas acreditar que o que se tem a dizer vale a pena e enfrentar o desafio de fazê-lo por escrito.

As questões aqui abordadas contribuem, isso sim, para ampliar a compreensão de um gênero textual que vem se constituindo nos últimos anos e, tanto quanto possível, podem enriquecer a escrita de memoriais de formação.

Afinal,

‘Vivemos em um mar de histórias, e como os peixes que (de acordo com o provérbio) são os últimos a enxergar a água, temos nossas próprias dificuldades em compreender o que significa nadar em histórias. Não que não tenhamos competência em criar nossos relatos narrativos da realidade – longe disso, somos, isso sim, demasiadamente versados. Nosso problema, ao contrário, é tomar consciência do que fazemos facilmente de forma automática.’ (Bruner, 2001:140)

A perspectiva é a de explicitar alguns conceitos e algumas proposições que possam convencer os educadores que aquilo que fazem oralmente de forma automática a todo instante pode ser o mote de textos escritos da maior importância. Ou seja, convencê-los que podem converter as conversas cotidianas – sobre o que pensam e sentem em relação ao que vivem, aprendem e fazem – em conteúdo de um tipo de texto privilegiado para essa finalidade: o memorial de formação.

Nessa trilha, achamos por bem abusar das citações, que são a forma mais honesta de dar o devido valor aos que disseram o que gostaríamos de ter dito de um modo melhor do que poderíamos no momento.

Mas, ainda que não citados diretamente no texto – e porque seus trabalhos nos serviram de referência – queremos nomear também alguns autores que vêm tematizando o registro reflexivo e a escrita de narrativas autobiográficas por profissionais da educação – diários, cartas, memórias, portfólio, novela de formação, memorial de formação...

Vários pesquisadores portugueses têm se dedicado a essa questão, mas, por ora, mencionaremos apenas aqueles cujos trabalhos foram consultados: António Nóvoa, Isabel Alarcão, Idália Sá-Chaves, Maria Antónia Ramos e Rosa Edite Gonçalves.

Também foram contribuições importantes as dos espanhóis Jorge Larrosa, quando trata da novela de formação e do seu papel no processo de autoconsciência, e as de Miguel Angel Zabalza, quando trata dos diários de classe e dos dilemas práticos dos professores.

Por fim, antes de dar início à trilha que resolvemos seguir, é preciso uma nota a mais: o memorial de formação como instrumento a serviço da formação de professores, vem sendo utilizado por algumas instituições de ensino superior do nordeste e há dois trabalhos de pesquisadoras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Maria da Conceição Passegi e Maria de Fátima Carrilho, que merecem ser citados: *‘Memorial de formação: processos de autoria e de (re)construção identitária’* e *‘Diretrizes para o memorial de formação’*.

A narrativa: registro e partilha de histórias

Falo um pouco dos relatos e das narrativas de forma generalizada. Pois é muito provável que a forma mais natural e mais imediata de organizar nossas experiências e nossos conhecimentos seja a forma narrativa.

Jerome Bruner

A palavra narrar vem do verbo latino *narrare*, que significa expor, contar, relatar. E se aproxima do que os gregos antigos clamavam de *épikos* – poema longo que conta uma história e serve para ser recitado. Narrar tem, portanto, essa característica intrínseca: pressupõe o outro. Ser contada ou ser lida: é esse o destino de toda história. E se ‘as coisas estão prenhes da palavra’, como preferia Bakhtin, ao narrar falamos de coisas ordinárias e extraordinárias... e até repletas de mistérios – que vão sendo reveladas ou remodeladas no ato da escuta ou na suposta solidão da leitura.

A narrativa supõe uma seqüência de acontecimentos, é um tipo de discurso que nos presenteia com a possibilidade de dar à luz o nosso desejo de os revelar. Podemos dizer que a narrativa comporta dois aspectos essenciais: uma seqüência de acontecimentos e uma valorização implícita dos acontecimentos relatados. E o que é particularmente interessante são as muitas direções que comunicam as suas partes com o todo. Os acontecimentos narrados de uma história tomam do todo os seus significados. Porém, o todo narrado é algo que se constrói a partir das partes escolhidas. Essa relação entre a narrativa e o que nela se revela faz com que suscite interpretações e não explicações – não é o que explica que conta, mas o que a partir dela se pode interpretar.

Jerome Bruner nos traz uma importante contribuição para a compreensão das narrativas literárias quando defende que elas pressupõem: uma estrutura de tempo, particularidades genéricas, razões por trás das ações, composição hermenêutica, canonicidade implícita, ambigüidade de referência, centralidade da problemática, negociabilidade inerente e elasticidade histórica.

Tudo isso?

Veremos que sim. Vejamos por que.

Uma estrutura do tempo - Uma narrativa não segue o tempo do relógio mecânico, mas o desenrolar dos acontecimentos tidos como importantes para o narrador. Dessa perspectiva, viola a seqüência cronológica, se organizando segundo o que pensamento do narrador expõe/impõe enquanto tempo da narrativa.

Particularidades genéricas - As narrativas tratam de casos particulares, porém, a particularidade aparece como ‘veículo de atualização’. E essa atualização decorre da generalização dos acontecimentos a partir do que o narrador supõe ser o repertório de conhecimentos do ouvinte/leitor. Podemos dizer que as histórias narradas se assemelham às versões de algo que é mais geral – por mais particulares que sejam, inevitavelmente, nos reportam a acontecimentos e pessoas que nos são familiares de alguma forma, ‘nossos iguais’.

As ações têm razões - Não produzimos as narrativas como casualidades, nem por causa e efeito. Elas são motivadas por crenças, desejos, teorias, valores ou outras razões intencionais. As ações narradas trazem com elas as intenções do narrador que, muitas vezes, se podem supor ou alcançar apenas por inferência.

Composição hermenêutica² - Nenhuma história tem interpretação única, seus significados são múltiplos – não existe um procedimento racional para determinar se uma interpretação é a única possível. O objetivo de uma análise de natureza hermenêutica é apontar uma interpretação convincente dos possíveis sentidos de um texto, uma leitura que considere os detalhes particulares de sua constituição. As construções narrativas da realidade nos levam a buscar sempre uma voz que diz o texto.

Canonicidade implícita - Para que uma narrativa valha de fato a pena, deve transgredir em alguma medida as expectativas, romper o modelo, um certa tradição já estabelecida e irrevogavelmente aceita,

² Hermenêutica: corrente filosófica que trata da interpretação dos fatos e acontecimentos da nossa existência.

e, por assim dizer, desviar-se do esperado, legitimando-se pelo encadeamento proposto pelo narrador e não pelo que é conhecido do ouvinte/leitor. Em consequência, o narrador que consegue inovar se converte em uma figura cultural poderosa sempre que os relatos partem de modelos narrativos convencionais e levam a algo inusitado, surpreendente.

Ambigüidade da referência - Uma narrativa está sempre aberta ao questionamento, por mais que comprovemos seus efeitos. O realismo narrativo, quer seja no fato verídico ou fictício, é uma questão de arranjos literários. A narrativa cria e constitui, como sua referência, a realidade narrada, de tal maneira que pode se fazer ambígua.

A centralidade da problemática – A narrativa se apóia em normas provisórias, isto é, os acontecimentos que se sucedem, pela escolha do narrador, é que colocam a problemática no centro da realidade narrativa. As histórias que valem a pena ser contadas são as que nascem de uma problemática. O modo como o narrador constrói essa problemática não é estático, do ponto de vista histórico e cultural – expressa um determinado tempo histórico, uma determinada circunstância cultural, de forma que os mesmos tempos e circunstâncias dos acontecimentos narrados fazem referência a outros tempos, a outras circunstâncias.

Negociabilidade inerente - Quando lemos uma narrativa, suspendemos a incredibilidade no que se refere à ficção – acabamos, de certa forma, por transferi-la para a vida real. Isso faz com que esse gênero seja favorável às negociações culturais. É fácil tomar as versões alternativas de um relato com uma atitude de expectativa, muito mais do que nos casos de argumentos e comparações: ‘Tu tens a tua versão, eu tenho a minha’. Dificilmente precisaremos de legitimidade para solucionar essas diferenças. Pode ser que essa capacidade para considerar múltiplas construções narrativas é que garanta a flexibilidade necessária para a coerência da vida cultural.

A elasticidade histórica. A vida não é feita de uma história auto-suficiente após a outra, cada qual instalada narrativamente por sua conta, de forma independente. Os argumentos, os personagens e o contexto tendem a se expandir e a se relacionar com outras histórias.³

Embora esses conceitos sejam complexos, consideramos importante abordá-los porque favorecem uma maior compreensão não só da importância das narrativas, mas principalmente das suas características mais peculiares.

O que é mais relevante que saibamos a esse respeito?

Que o critério de seleção e sequenciação dos acontecimentos é sempre uma prerrogativa do narrador; que as histórias que lemos e ouvimos nos remetem sempre às nossas próprias histórias e às nossas experiências pessoais; que o narrado tem intenções nem sempre explícitas; que as narrativas são polissêmicas – ou seja, têm múltiplas possibilidades de interpretação; que embora sejam canônicas, modelares, a arte de narrar pressupõem alguma transgressão que contrarie as expectativas de quem ouve ou de quem lê; que elas ‘criam realidades’; que são as escolhas do narrador que dão o contorno da problemática de que o texto trata; que relacionamos de alguma forma as histórias que ouvimos e lemos com a nossa própria vida; que as histórias dialogam umas com as outras, se inter-relacionam.

E para seguir fazendo jus aos que trataram do assunto melhor do que poderíamos fazer, nos alinhamos agora com Walter Benjamin, para endossar sua defesa de que somos todos historiadores, quando produzimos histórias, quando relatamos os fatos, quando registramos nossas memórias; que o ato de contar uma história faz com que ela seja preservada do esquecimento, criando-se a possibilidade de ser contada novamente e de outras maneiras; que o sentido das histórias só se constrói no olhar do outro, na relação com outras histórias.

Benjamin, num movimento semelhante, de se alinhar com quem já disse o que diria, reafirma que ‘aquela antiga coordenação de alma, olhos e mãos, que aflora nas palavras de Paul Valéry, é artesanal, e encontramos-la onde quer que esteja a arte de narrar. Sim, podemos mesmo ir mais longe e perguntar se a ligação que o narrador tem com sua matéria – a vida humana – não é, ela própria, uma relação artesanal. Se a sua tarefa não consiste, precisamente, em trabalhar a matéria-prima das experiências – as dos outros e as suas próprias – de uma maneira sólida, útil e única. Trata-se de uma transformação’⁴.

Para ele, ‘a memória é uma tessitura feita a partir do presente, é o presente que nos empurra em relação

³ Trechos adaptados dos capítulos 6 e 7 de *A cultura da educação*. Jerome Bruner. Porto Alegre. Artmed Editora, 2001.

⁴ Benjamin, 1992:56.

ao passado, uma *viagem* imperdível, uma viagem necessária, uma viagem fundamental, para que a gente possa trazer à tona os encadeamentos da nossa história, da nossa vida, ou da vida do outro.⁵

Ao narrar, visitamos o passado, na tentativa de buscar o presente, onde as histórias se manifestam, trazendo à tona fios, feixes que ficaram ‘esquecidos’ no tempo. O que buscamos, nesse momento, não é somente trazer informações sobre nossa história, mas sim estimular em todos que delas se sentem parte integrante, personagens, o despertar de outras histórias, para que se produzam outros sentidos, outras relações, outros nexos.

Memória: onde nasce a possibilidade de narrar

Memória, do latim, memoria.

1. *faculdade de reter as idéias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente*
2. *lembrança, reminiscência, recordação*
3. *celebridade, fama, nome*
4. *monumento comemorativo*
5. *relação, relato, narração*
6. *memento*
7. *vestígio, sinal*
9. *nota diplomática*
10. *dissertação acerca de assuntos diversos*
11. *dispositivo do computador*
12. *poder criador, imaginação, talento.*

Para discorrer sobre a questão da memória, tomaremos da epígrafe o seguinte: *faculdade de reter idéias, impressões, conhecimentos adquiridos anteriormente / lembrança, recordação, imaginação*. Tomaremos também, face à complexidade do tema e a sua natureza, a modesta definição apresentada por um dicionário de filosofia para abordar brevemente o assunto.⁶

A memória, segundo o dicionário de filosofia⁷, apresenta-se como a possibilidade de se dispor das idéias, impressões e conhecimentos passados que, de algum modo, estão disponíveis para ser evocados. ‘A memória parece ser constituída, por duas condições ou momentos distintos: 1º - conservação ou persistência de conhecimentos passados que, por serem passados, não estão mais à vista – memória retentiva; 2º - possibilidade de evocar, quando necessário, o conhecimento passado e torná-lo atual ou presente – a recordação’ (p.657).

Dessa perspectiva, temos então, dois tipos de memória: o primeiro, a que chamaremos ‘memória-conservação’ e o segundo, a que chamaremos memória-recordação.

Por memória-conservação podemos compreender a possibilidade de preservar todas as coisas que queremos ‘guardar’ e que de algum modo – porque guardadas na memória, retidas em algum lugar de nossa mente, de nossa alma – podemos recuperar. É como se armazenássemos nossos conhecimentos, idéias e impressões em um determinado receptáculo a que pudéssemos recorrer quando necessário.

Já a memória-recordação é a possibilidade de acionar ‘os guardados’ da memória-conservação, que acabam por se atualizar, por evocação, no ato de recordar. Assim, recordar pode ser compreendido como vitalizar, oxigenar, reavivar as memórias guardadas. É a ‘arte’ de pôr em movimento as idéias, impressões e conhecimentos disponíveis. E esse movimento é o que torna possível ao homem expor suas memórias, narrar suas histórias. Nós nos recordamos pela construção de narrativas que trazem à luz eventos passados, atualizados no presente e lançados às memórias futuras.

Mas a memória não passa somente por uma perspectiva individual e voluntária – está evidentemente vinculada a escolhas individuais, porém sempre dentro de um determinado contexto sociocultural, de uma determinada circunstância coletiva. Pressupõe também, por oposição, o esquecimento. E relaciona-se com os

⁵ Galzerani, 1999:8.

⁶Para um primeiro contato instigante sobre o tema, consultar o texto de Smolka, *A memória em questão: uma perspectiva histórico cultural* in ‘Educação e Sociedade’, ano XXI, nº 71, julho de 2000, págs. 166-193.

⁷‘Dicionário de Filosofia’, Nicola Abbagnano, São Paulo, Editora Martins Fontes, 2000.

diversos suportes que estão a seu serviço: das imagens na pedra, passando pelos nós de fios amarrados nos dedos, até as memórias físicas dos computadores...

Memorial: a narrativa da própria história

Qual! não posso interromper o memorial; aqui me tenho outra vez com a pena na mão. Em verdade, dá certo gosto deitar ao papel coisas que querem sair da cabeça, por via da memória ou da reflexão.

Machado de Assis

As memórias, enquanto *dissertações acerca de assuntos diversos*, são narrações escritas por testemunhas presenciais ou por alguém que conta sobre sua vida. A escrita de memórias

‘pressupõe sempre dois tempos: o presente em que se narra e o passado em que ocorrem os eventos narrados... A busca do passado, porém, nunca o reencontra de modo inteiriço, porque todo ato de recordar transfigura as coisas vividas. Na épica, como na memória, o passado se reconstrói de maneira alinear com idas e voltas repentinas, com superposição de planos temporais, com digressões e análise. Naturalmente o que retorna não é o passado propriamente dito, mas suas imagens gravadas na memória e ativadas por ela num determinado presente’. (Aguiar, 1998: 25).

O memorial (do latim *memoriale*) é a escrita de memórias e significa memento ou escrito que relata acontecimentos memoráveis. O memento – que quer dizer ‘lembra-te’ – de modo geral pode ser compreendido como uma marca que serve para lembrar qualquer coisa (por exemplo, quando amarramos um laço no dedo para não esquecer algo), como uma caderneta onde se anota o que deve ser lembrado ou como um livrinho onde se acham resumidas as partes essenciais de uma questão. Em nosso caso, são esses dois últimos sentidos que tomaremos para tratar do memorial.

No ato de anotar as coisas lembradas ou de registrar partes essenciais de uma questão, usamos a escrita, a linguagem escrita. Ao narrar as coisas lembradas, os acontecimentos passados assumem vários matizes e nos dobramos sobre a própria vida. Ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam. Vamos nos inscrevendo numa história que não está mais distante e, sim, impregnada das memórias que nos tomam e da qual muitos outros fazem parte.

Como toda narrativa autobiográfica, o memorial é um texto em que o autor ‘faz um relato de sua própria vida, procurando apresentar acontecimentos a que confere o status de mais importantes, ou interessantes, no âmbito de sua existência. Possivelmente, ele levantará o véu apenas da parte que, de si próprio, pretende que se saiba e que se venha a ser lembrada’⁸. Diferentemente da biografia/autobiografia, não há compromisso em historiar toda a vida. Pode ser uma obra literária ou científica, na qual o autor, ou um dos personagens, evoca fatos a que tenha assistido ou de que tenha tomado parte. É um texto que relata fatos memoráveis, importantes para aquele que o produz, tendo em conta suas memórias. É uma marca, um sinal, um registro do que o autor considera essencial para si mesmo e que supõe ser essencial também para os seus ouvintes/leitores.

Para produzir um memorial, é relevante saber das condições em que estão circunscritas as lembranças, assim como os acontecimentos e personagens que predominaram segundo as escolhas feitas. Nesse sentido, o memorial não é somente uma crítica que forçosamente avalia as ações, idéias, impressões e conhecimentos do sujeito narrador; é também autocrítico da ação daquele que narra, seja como autor do texto ou como sujeito da lembrança. Portanto, tem muito a ver com as condições, situações e contingências que envolveram a ação do narrador, protagonista das memórias. Além de ser crítico e autocrítico, é também um pouco confessional, apresentando paixões, emoções, sentimentos inscritos na memória.

⁸ As narrativas autobiográficas do professor como estratégia de desenvolvimento e prática da supervisão, Maria Antónia Ramos e Rosa Edite Gonçalves. In ‘Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão’. Org. Isabel Alarcão. Editora Porto. 1996.

O memorial de formação: história da experiência e outras histórias

‘É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma... esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece... por isso ninguém pode aprender da experiência de outro a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria.’

Jorge Larrosa

Um memorial de formação é acima de tudo uma forma de narrar nossa história por escrito para preservá-la do esquecimento. É o lugar de contar uma história nunca contada até então – a da experiência vivida por cada um de nós.

Esse gênero textual – o memorial de formação – é um gênero que vem sendo gestado, muito em virtude do lugar, assumido cada vez mais pelos educadores, de protagonistas em relação a sua própria atuação e ao seu processo de formação. Dessa perspectiva, a valorização do registro escrito das experiências e reflexões é apenas uma das bem-vindas conseqüências, tanto como um exercício necessário de produção de textos quanto para difundir esses textos entre outros educadores.

Até bem pouco tempo, quando se relatavam as experiências, as histórias, as reflexões dos educadores, isso geralmente não era feito de ‘próprio punho’, mas, sim, por outros atores – pesquisadores, em sua maioria. Esse movimento vem se revertendo atualmente e a proposta de elaborar memoriais de formação contribui bastante nesse sentido.

A narrativa é um excelente veículo para tornar público o que fazemos – assim podemos ter as nossas histórias contadas. Isso é fundamental, porque a memória dos profissionais é pouco valorizada em nossa cultura. E há muitas histórias por contar... Ao narrar nossa experiência, podemos produzir no outro a compreensão daquilo que estamos fazendo e do que pensamos sobre o que fazemos.

Alguns profissionais sentem uma certa dificuldade em relação a como começar a escrever e a como encaminhar o texto. Nesse caso, ter um tema central, pré-determinado, às vezes pode facilitar – cada um terá de encontrar a melhor forma de dizer o que considera que vale a pena ser dito.

O melhor fator de desequilíbrio é a exigência, principalmente interna – isso pode ser um verdadeiro desafio, porque ter uma motivação, um sentimento que mobiliza, tende a facilitar a tarefa da escrita.

Num curso universitário de formação de profissionais que estão em exercício e em programas extensos de formação continuada, fica potencializada a proposta de narrar por escrito as experiências e as reflexões, pois esses são contextos privilegiados de articulação teoria-prática e de produção de conhecimento pedagógico.

Que gênero é esse, afinal?

Um **memorial**, como vimos, é o registro de um processo, de uma travessia, uma lembrança refletida de acontecimentos dos quais que somos protagonistas.

Um **memorial de formação** é um gênero textual predominantemente narrativo, circunstanciado e analítico, que trata do processo de formação num determinado período – combina elementos de textos narrativos com elementos de textos expositivos (os que apresentam conceitos e idéias, a que geralmente chamamos ‘textos teóricos’). Se tomarmos em conta a definição mais clássica dos tipos de discurso – narrativo, descritivo e argumentativo –, poderíamos dizer então que o memorial de formação é um gênero que comporta todos eles, embora evidentemente predomine o discurso narrativo. Em se tratando do estilo, também há lugar para diferentes possibilidades: a opção pode ser por um tratamento mais literário, ou mais reflexivo, ou pela combinação de ambos.

Num memorial de formação, o autor é ao mesmo tempo escritor/narrador/personagem da sua história. De modo geral, podemos dizer que trata-se de um texto em que os acontecimentos são narrados geralmente na

primeira pessoa do singular, numa seqüência definida a partir das memórias e das escolhas do autor, para registrar a própria experiência e, como todo texto escrito, para produzir certos efeitos nos possíveis leitores.

O texto encadeia acontecimentos relacionados à experiência de formação, à prática profissional e também à vida – nesse caso, nos aspectos que de alguma forma explicam, justificam ou ilustram o que está sendo contado. O tempo a que se reporta pode estar ou não circunscrito: formação do período de um curso ou programa, formação do tempo de profissão ou formação humana geral. De qualquer modo, a escrita de um memorial de formação é sempre a partir do campo da educação.

É importante destacar que, embora uma narrativa seja sempre uma seqüência de acontecimentos, não necessariamente essa seqüência é cronológica e linear: pode-se narrar os fatos ocorridos numa perspectiva linear; pode-se eleger um fato mais recente e, a partir dele, abordar os demais fatos que a ele se relacionam; pode-se eleger um tema e contar o que tem a ver com ele, sem uma ordem temporal de apresentação dos fatos. Em qualquer caso, as escolhas são sempre necessárias. É o modo como se narra que dá o tom: a seqüência é da memória, não é exatamente dos acontecimentos.

Do ponto de vista da organização geral do texto, vale dizer ainda que, a depender do estilo do autor, é possível lançar mão de subtítulos e outros recursos que possam orientar o leitor em relação ao conteúdo abordado ao longo do memorial.

Do que se trata?

Sendo o memorial **de formação**, já se tem aí, ao mesmo tempo uma explicitação e um fator limitante: o conteúdo, de modo geral, é nossa formação, mais nossas experiências e partes da história de vida que se relacionam com essas duas dimensões. Mesmo que se opte por um texto mais livre, ainda assim estará referenciado no fato de que trata-se de **um memorial** que é **de formação**.

Dessa perspectiva, pode-se trazer elementos da formação humana que ‘entram’ na formação profissional: as reflexões que tiveram lugar a partir do curso do qual se participa/participou – e as mudanças decorrentes – representam os pontos mais significativos a serem abordados. É importante explicitar a relação entre formação humana e profissional e, estando já na profissão, o que contribuiu para as transformações que foram acontecendo.

Quando os autores são profissionais já em exercício, a questão principal é tratar articuladamente da formação e da prática profissional, porque, nesse caso, quem está escrevendo o texto é um sujeito que ao mesmo tempo trabalha e está em processo de formação. Isso possibilita a emergência de um conjunto de conhecimentos advindo da ação, a emergência de um conjunto de conhecimentos advindo da formação e a inter-relação de ambos. Qualquer que seja o formato (mais livre, ou mais circunscrito), o essencial é relatar o que, do trabalho de formação, interferiu de alguma maneira na atuação profissional e o que, da experiência profissional, colocou elementos ou interferiu no trabalho de formação. Assim, trata-se de um texto reflexivo de crítica e autocrítica.

Nesse caso, para escrever o memorial de formação, a referência principal é sempre o lugar profissional que ocupamos (de professor, de coordenador, de diretor, de formador...) e então, quando necessário, lançamos mão de memórias relacionadas a outras experiências – de filho, neto, amigo etc – que foram relevantes para nosso processo formativo. É importante relatar aspectos positivos e aspectos negativos, dificuldades, problemas, preocupações, inquietações e tudo o que se considerar pertinente.

Quando os autores são apenas estudantes, o que se coloca como referência principal é a condição de estudante e a reflexão sobre a prática inevitavelmente é de outra natureza, uma vez que ainda não ingressaram na profissão.

O que acontece?

O fato é que quando escrevemos reflexivamente, é preciso combinar em nosso mundo interior as percepções que recolhemos do mundo exterior, dando forma às nossas idéias e pensamentos. Então, pensar pode ser isso: uma auto-reflexão sobre o todo do mundo tal qual se apresenta para nós, um jeito de contá-lo a nós mesmo.

Mergulhando numa perspectiva individual, de cada um consigo mesmo, poderíamos dizer que é essa a questão:

Pensar nos porquês das minhas atitudes diante das situações que vivo e nas capacidades que desenvolvo para certas coisas e não para outras... Assim, estou sempre atribuindo um juízo de valor, vendo nos acontecimentos que se sucedem ao meu redor, e do qual eu participo como ator ou mero expectador, se representam ou não algo de valor para mim.

Só que esse juízo de valor nem sempre é condicionado à minha escolha consciente. Mesmo que eu não perceba, atribuo um juízo valorativo a toda interação com o mundo exterior, que acontece a todo instante: nas inúmeras situações com as quais me deparo no decorrer do dia ou em minha tentativa de organizar as idéias enquanto penso comigo mesmo, não estou sozinho – o outro se apresenta a todo instante.

Precisamente no modo que tenciono modelar as minhas atitudes, escolher as minhas coisas ou especificar as minhas capacidades, estou fazendo-o para o outro, em função de um outro que a minha consciência avalia e recorta.

Não posso, em nenhum momento ser um Eu para Mim, na percepção do mundo no qual eu me situo. Estou Eu para um Outro, ou seja, só me componho Eu na interação com o Outro, portanto não sou Eu – Sou Muitos, na relação com outros e na relação comigo mesmo.

E nessa relação estou agora buscando, como disse o filósofo Husserl, ‘aprender o que o mundo é para mim, e também de que modo é que o mundo é para mim’.

Acontece que...

Como vimos, o memorial de formação é uma forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões que vem se mostrando imprescindível, não só para tornar público o que pensam e sentem os profissionais e futuros profissionais, mas também para difundir o conhecimento produzido em seu cotidiano.

Assim, é possível que os textos produzidos pelos que fazem a educação deste país ganhem progressivamente a legitimidade que merecem na comunidade educacional e passem a figurar entre os textos de subsídio dos cursos de formação.

Para finalizar essa reflexão sempre em aberto, emprestamos as palavras da escritora Clarice Lispector, que disse uma vez: ‘É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia’.

Ela tinha razão.

É também por isso que nós, educadores, precisamos escrever. Para tomar consciência do quanto sabemos e nem sabemos que sabemos. E do quanto ainda não sabemos, mas podemos com certeza aprender.

Bibliografia

AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da Memória: Um Estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Edusp/Fapesp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal* (2ª edição). São Paulo: Hicitec, 1997a.

BENJAMIN, W. *Sobre o conceito da História*. In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. (Obras escolhidas, vol. I). São Paulo: Brasiliense, 1987, pp.222/232.

_____. *O Narrador- Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e a história da cultura*. (Obras Escolhidas, Vol.I). São Paulo: Brasiliense, 1987, pp.197:221.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz Ed., 1987.

BRUNER, Jerome. *A cultura da educação*. Porto Alegre. Artmed Editora, 2001.

- BUENO, Belmira Oliveira, CATANI, Denice Barbara e SOUSA, Cynthia Pereira. *A Vida e o Ofício dos Professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração*. São Paulo, Escrituras Editora, 1998.
- CARRILHO, M.F. et al. *Diretrizes para a elaboração do memorial de formação*. Metodologia do trabalho científico. Natal:IFP/URRN, 1997. Mimeo
- CHAVES, Iduina Mont'Alverne. *A pesquisa Narrativa: uma forma de evocar imagens da vida de professores*. In Revista Educação em Debate, nº 39. Fortaleza: 2000, p. 86-93.
- FUJIKAWA, Mônica Matie. *O registro como pretexto e como objeto de reflexão da prática pedagógica: um exercício de parceria entre coordenadora e professores*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo, 2004.
- KRAMER, Sonia e SOUZA, Solange J. (Org). *Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação*. São Paulo. Editora Ática, 1996.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 3a ed., Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte; Autêntica, 2000.
- _____. *La Experiencia De La Lectura – Estudios sobre Literatura Y Formación*. Barcelona, Espanha: LAERTES Ediciones, 1998.
- _____. *Nota sobre a Experiência e o Saber da Experiência*. Textos - subsídios ao Trabalho Pedagógico das Unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. Leituras – SME, julho de 2001.
- NÓVOA, Antonio (org.). *Vidas de Professores*. Porto Alegre, Porto Editora, 1992.
- _____. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. *Memoriais de formação: processos de autoria e de (re)construção identitária*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In Anais eletrônicos da III Conferência de Pesquisa Sócio Cultural, julho de 2001.
- PEREZ, Carmen L. V. *VOZES, PALABRAS, TEXTOS: as narrativas autobiográficas na formação de professoras/alfabetizadoras*. Tese de doutorado. São Paulo, Faculdade de Educação, USP, 2002.
- PERRENOUD, Philippe. *A Prática Reflexiva no Ofício de Professor: Profissionalização e Razão Pedagógica*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2000.
- RAMOS, Maria Antónia e GONÇALVES, Rosa Edite. *As narrativas autobiográficas do professor como estratégia de desenvolvimento e prática da supervisão*. In *Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão*. Alarcão, Isabel Org. Editora Porto. 1996.
- SÁ-CHAVES, Idália. *Percursos de Formação e Desenvolvimento Profissional*. Porto Codex, Portugal: Porto Editora, 1997.
- _____. *Porta-fólios: No Fluir das Concepções, das Metodologias e dos Instrumentos*, Portugal; Porto Editora, 1998.
- SCHON, Donald A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre, RS : Artes Médicas, 2000.
- SMOLKA, Ana L. B. *A memória em questão: uma perspectiva histórico cultural*. In Educação e Sociedade, ano XXI, nº 71, julho de 2000.
- ZABALZA, Ángel Miguel. *Diários de aula – contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Portugal; Porto Editora, 1994.